



A Q U E D A D E S A L A Z A R

A QUEDA DE SALAZAR

O PRINCÍPIO DO FIM DA DITADURA

JOSÉ PEDRO CASTANHEIRA
ANTÓNIO CAEIRO
NATAL VAZ

LISBOA
TINTA-DA-CHINA
MMXVIII

ÍNDICE

© 2018, José Pedro Castanheira,
António Caeiro, Natal Vaz
e Edições tinta-da-china, Lda.
Rua Francisco Ferrer, 6A
1500-461 Lisboa
Tels.: 21 726 90 28/29/30
E-mail: info@tintadachina.pt

www.tintadachina.pt

Título: *A Queda de Salazar:
O princípio do fim da ditadura*
Autores: José Pedro Castanheira,
António Caeiro e Natal Vaz
Revisão: Inês Hugon
Composição: Tinta-da-china
Capa: Tinta-da-china (V. Tavares)

1.ª edição: Outubro de 2018

ISBN: 978-989-671-460-4
Depósito Legal n.º 2018/18

APRESENTAÇÃO	11
PRÓLOGO	15
CAPÍTULO 1	
ÚLTIMAS SEMANAS NO PODER: A QUEDA DA CADEIRA	19
<i>Christine Garnier passa dez dias no Forte</i>	25
<i>Conselho de Ministros: reuniões curtas e uma vez por mês</i>	29
<i>O caso «Ballet Rose» e a deportação de Mário Soares para São Tomé</i>	33
<i>Os ministros na mira de uma remodelação</i>	36
<i>«Em Fátima, o Papa Paulo VI chamou-me ‘Vossa Eternidade’»</i>	38
<i>Rixas e intrigas entre ministros</i>	40
<i>Béjart, o coreógrafo que desafiou o regime</i>	43
<i>«Faites l’amour, pas la guerre»</i>	47
<i>Azaredo Perdigão desentende-se com Salazar</i>	50
<i>«Não vejo ninguém, não converso com ninguém...»</i>	53
<i>Ministros «libertados» através de um cartão pessoal</i>	57
<i>Um braço-de-ferro em torno de Santos Júnior</i>	61
<i>Quatro novos subsecretários de Estado</i>	64
<i>Substituídos sete dos 15 ministros</i>	67
<i>PIDE prende Palma Inácio e operacionais da LUAR</i>	69
<i>Américo Thomaz descontente: «Este governo, meu Deus!»</i>	72
<i>O regresso à rotina do Forte</i>	75
<i>Último livro: uma reflexão sobre o Maio de 68</i>	77
<i>O derradeiro Conselho de Ministros do salazarismo</i>	81
<i>Sintomas alarmantes</i>	84
<i>«Estado gravíssimo»</i>	86
CAPÍTULO 2	
AS MISTERIOSAS INJEÇÕES DO ENFERMEIRO MERCA	91
<i>Eucodal: o medicamento favorito de Hitler</i>	95
<i>Ninguém sabia das injeções</i>	97
<i>As doenças e achaques de Salazar</i>	100

<i>Maio de 1946: um novo médico assistente</i>	105		
<i>Várias pneumonias</i>	108		
<i>«Estará Salazar senil?»</i>	109		
<i>Nyerere ou Niemeyer?</i>	111		
CAPÍTULO 3			
○ «ILUSTRE ENFERMO» DO QUARTO 68	115		
<i>Dia 7 (sábado): Eduardo Coelho força operação</i>	116		
<i>Dia 8 (domingo): a silenciada visita de Caetano</i>	124		
<i>Dia 9 (segunda-feira): «As melhoras acentuam-se»</i>	126		
<i>Dia 10 (terça-feira): hospital torna-se «vespeiro político»</i>	128		
<i>Dia 11 (quarta-feira): as rosas e a quadra de Amália</i>	130		
<i>Dia 12 (quinta-feira): a homenagem dos «grandes» do futebol</i>	133		
<i>Dia 13 (sexta-feira): Censura silencia sucessão</i>	136		
<i>Dia 14 (sábado): médicos preparam alta de Salazar</i>	137		
<i>Dia 15 (domingo): ambiente de muita confiança e otimismo</i>	139		
<i>Manhã de 16 (segunda-feira): a visita de Cerejeira</i>	140		
CAPÍTULO 4			
OS DIAS DO FIM	143		
<i>Tarde de 16 (segunda-feira): Salazar em coma após AVC</i>	143		
<i>Dia 17 (terça-feira): Conselho de Estado reúne-se em Belém</i>	148		
<i>Dia 18 (quarta-feira): Merritt consulta Salazar</i>	156		
<i>Dia 19 (quinta-feira): propaganda mantém esperança</i>	161		
<i>Dia 20 (sexta-feira): a «guerra» da sucessão na imprensa estrangeira</i>	164		
<i>Dia 21 (sábado): Censura esconde e recria realidade</i>	165		
<i>Dia 22 (domingo): a visita da irmã Marta do Resgate</i>	168		
<i>Dia 23 (segunda-feira): correspondente do Le Monde na mira da PIDE</i>	171		
<i>Dia 24 (terça-feira): a escolha possível</i>	173		
<i>Dia 25 (quarta-feira): Thomaz indigita Marcello Caetano</i>	175		
<i>Dia 26 (quinta-feira): o sucessor de Salazar</i>	178		
CAPÍTULO 5			
A HORA DE MARCELLO CAETANO	183		
<i>Posse e primeiro discurso</i>	185		
<i>Liberdade, um nome para dar às avenidas</i>	189		
<i>Um novo estilo de governação</i>	191		
<i>Reações na imprensa estrangeira</i>	195		
CAPÍTULO 6			
A LUTA PELO PODER E A GALERIA DOS DERROTADOS	199		
<i>«A hipótese é inevitável: Salazar não é imortal»</i>	201		
<i>Os «quatro grandes»: Caetano, Nogueira, Varela e Moreira</i>	204		
<i>Theotónio Pereira, o preferido de Thomaz</i>	208		
<i>Franco Nogueira, fidelíssimo até ao fim</i>	210		
<i>Antunes Varela, o recordista na Justiça</i>	214		
<i>Adriano Moreira, o reformista do Ultramar</i>	218		
<i>Correia de Oliveira, a sombra do «Ballet Rose»</i>	226		
<i>Kaúlza de Arriaga, a ambição desmedida</i>	228		
CAPÍTULO 7			
A LONGA MARCHA DE CAETANO	233		
<i>O primeiro encontro com Salazar, ministro das Finanças</i>	235		
<i>Excluído das listas de deputados à Assembleia Nacional</i>	238		
<i>Comissário nacional da Mocidade Portuguesa</i>	240		
<i>Estreia no Governo: ministro das Colónias</i>	242		
<i>O projeto fracassado de eleger Salazar para Belém</i>	245		
<i>A derrota da facção monárquica</i>	248		
<i>Ministro da Presidência: o número dois do regime</i>	250		
<i>O despedimento simultâneo de Santos Costa e Caetano</i>	254		
<i>Uma década fora do poder</i>	256		
<i>Um Estado federal chamado «Estados Portugueses Unidos»</i>	258		
<i>O grupo da Choupana</i>	261		
<i>«O pai sempre pensou que podia ser sucessor de Salazar»</i>	265		
<i>«Não me lembro de ninguém que o quisesse demover»</i>	269		
<i>Caetano informa a mulher e os filhos</i>	272		
CAPÍTULO 8			
A «PRIMAVERA MARCELISTA» E AS ALTERAÇÕES SEMÂNTICAS	275		
<i>O fim da deportação de Mário Soares</i>	279		
<i>Caetano na Assembleia Nacional: «defendemos a própria civilização»</i>	282		
<i>Primeiras reações dentro do regime</i>	284		
<i>PCP contra o «Governo da ditadura terrorista»</i>	287		
<i>Um longo «estado de graça» com a ajuda da Censura...</i>	289		
<i>... a vigilância da PIDE e o apoio da União Nacional</i>	292		
<i>As «Conversas em Família» via televisão e rádio</i>	294		
<i>O apoio dos filhos e a morte da mulher, Teresa</i>	296		

<i>Uma viagem inesquecível às três colónias em guerra</i>	299
<i>Ana Maria, filha e primeira-dama</i>	304
<i>Socialistas e comunistas separados nas eleições de 1969</i>	307
<i>Nasce a «ala liberal», mas Caetano diz não aos partidos políticos</i>	312
<i>Finalmente um Governo à medida de... Caetano</i>	315
<i>Ameaçado de novo degredo, Soares opta pelo exílio</i>	317

CAPÍTULO 9

DOIS PRESIDENTES DO CONSELHO EM S. BENTO	323
<i>Estado assume todas as despesas com doença de Salazar</i>	325
<i>Internamento cheio de sobressaltos</i>	331
<i>Avaliações divergentes</i>	332
<i>A segunda visita de Merritt</i>	334
<i>«Espetáculo abominável»</i>	336
<i>Os passeios de automóvel para ver o mar</i>	339
<i>«Correram comigo brutalmente»</i>	342
<i>O óbito do «Doutor» Salazar</i>	346
<i>A ditadura não sobreviveu</i>	349

EPÍLOGO	353
---------	-----

ANEXOS	357
1. <i>Acta do Conselho de Estado, 17/09/1968</i>	359
2. <i>discurso do presidente da República, Américo Thomaz, 26/09/1968</i>	365
3. <i>Discurso de tomada de posse de Marcello Caetano como presidente do Conselho, 27/09/1968</i>	366
4. <i>Última comunicação de António de Oliveira Salazar, 28/04/1969</i>	369

NOTAS	371
LISTA DE SIGLAS E ACRÓNIMOS	391
BIBLIOGRAFIA	393
LISTA DE PESSOAS ENTREVISTADAS	398

ÍNDICE ONOMÁSTICO	399
-------------------	-----

APRESENTAÇÃO

Salazar governou Portugal durante quase quatro décadas, mas nunca se deu a conhecer. A sua opção foi mesmo a de esconder tudo, de todos. A transparência que atualmente exigimos aos nossos governantes e àqueles que elegemos não fazia doutrina há 50 anos, entre nós, durante o chamado Estado Novo. O presidente do Conselho não prestava contas do que fazia, nem de como vivia.

Nessa época, os autores deste livro ainda não se conheciam, nem eram jornalistas. Viviam em Lisboa, dois deles a concluir o ensino secundário e o terceiro a trabalhar numa seguradora. Como outros da sua geração, lembram-se bem dos noticiários daquele mês de setembro de 1968: desde a primeira notícia oficial sobre a cirurgia a Salazar, na manhã de 7, até ao discurso de posse de Marcello Caetano, a 27, passando pelo grave AVC que deixou Salazar em coma e definitivamente incapacitado, e a exoneração do velho ditador pelo presidente da República, Américo Thomaz. Tudo isto passado pelo crivo da Censura, que os três não chegaram a conhecer na sua vida profissional, uma vez que só abraçaram o jornalismo depois do 25 de Abril.

De então para cá, muito se publicou em torno da enigmática figura de Salazar, em géneros tão diversos como a biografia, o ensaio e a ficção. Este livro foi concebido para assinalar os 50 anos sobre a mais famosa queda da história pátria. O projeto inicial era modesto: reunir, sistematizar e organizar a informação já conhecida sobre as três semanas do fim do salazarismo. Cedo,

porém, os autores se deram conta de que ainda tinham muita coisa a investigar e a recolher.

Havia arquivos quase inexplorados sobre esta época e este episódio: caso, por exemplo, do Arquivo Histórico-Diplomático, onde pudemos perceber como a queda do ditador foi acompanhada nos países (cada vez em menor número) com os quais o regime mantinha relações diplomáticas, e por grande parte da opinião pública mundial. Mesmo no Arquivo Oliveira Salazar, à guarda da Torre do Tombo, foi possível encontrar muita informação inédita, particularmente através do riquíssimo Diário que Salazar escreveu de forma sistemática e meticulosa entre 1932 e 1968. Um outro filão que se revelou precioso foi o da diplomacia norte-americana, conservado nos National Archives, em Maryland. É lá que se encontra a correspondência diplomática trocada entre a embaixada dos EUA em Lisboa e o Departamento de Estado, em Washington.

Pouco ou deficientemente estudada pelos investigadores, também a imprensa da época, ainda que fortemente condicionada pela Censura, contribuiu para uma mais correta descrição e interpretação da catadupa de acontecimentos. Mergulhámos nos 14 jornais diários ao tempo existentes em Lisboa e no Porto, dos quais apenas sobrevive, como quotidiano impresso, o portuense *Jornal de Notícias*.

Entrevistámos, por outro lado, mais de meia centena de pessoas de todos os quadrantes que viveram aquelas semanas decisivas. Infelizmente, duas delas viriam a falecer antes mesmo de o livro estar concluído: Manoel Caetano, meio-irmão de Marcello Caetano, que foi um dos pivôs da RTP e aceitou ser entrevistado já hospitalizado; e a embaixatriz Vera Wang Franco Nogueira, viúva do ex-ministro dos Negócios Estrangeiros, Franco Nogueira, que, num raríssimo depoimento sobre o seu convívio com Salazar já depois da operação deste, recebeu os autores por várias vezes, a última das quais dois dias antes de falecer. Outros

testemunhos que chegaram a estar apazados telefonicamente e que a morte, entretanto, inviabilizou foram os de António Arnaut e José Tengarrinha, dois históricos da resistência antissalazarista; o primeiro foi um dos fundadores do PS, o segundo líder do MDP/CDE.

De toda a pesquisa efetuada, e além da reconstituição do dia-a-dia das três semanas que marcaram o fim do Estado Novo na sua versão original, ressaltam algumas informações inéditas. Deixamos ao leitor o prazer de as ir descobrindo.

—

Nesta brevíssima apresentação, cumpre fazer alguns agradecimentos. A Madalena Garcia, que partilhou com os autores parte do seu trabalho de transcrição do Diário de Salazar e forneceu numerosas pistas de pesquisa. Ao António Biason, que se aventurou nos arquivos da diplomacia dos EUA. Um obrigado a muitos outros que colaboraram neste trabalho: Aida Franco Nogueira; Ana Teresa Leitão; António Araújo; Carlos Veiga Pereira; Emílio Rui Vilar; Francisco Teixeira da Mota; Isabel Duarte; Lisete Thöbe; Manuela Gomes; Pedro Goucha Gomes; Silvestre Lacerda, Paulo Tremeceiro e Fernando Costa (Torre do Tombo); Miguel Caetano (Arquivo Marcello Caetano); Margarida Laje (Arquivo Histórico-Diplomático); Filomena Fernandes e Sónia Ferreira (Arquivo RTP); Duarte Catalão (Biblioteca da Ordem dos Advogados); João Carlos Oliveira (Hemeroteca Municipal de Lisboa); Bernardo Futscher Pereira (Presidência do Conselho de Ministros); Isabel João Ramires (Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra); José Tolentino de Mendonça (Universidade Católica Portuguesa); Rui Pereira da Costa (Arquivo Histórico Parlamentar); Vítor Gomes (Museu da Presidência da República); António Pina Falcão (Arquivo Histórico da Presidência da República); Maria José Paulouro (Arquivo do Jornal do

Fundão). Um agradecimento extensivo aos mais de meia centena de entrevistados, cuja lista se encontra no final do livro. Cada um dos autores agradece ainda aos seus familiares mais próximos, pelo estímulo que deram, mas também pela paciência que tiveram e o tempo que lhes foi tirado.

Finalmente, à editora Tinta-da-china, na pessoa da Bárbara Bulhosa, que desde a primeira hora abraçou com entusiasmo este projeto, muito longe de imaginar que ele viria a ganhar as proporções que agora se apresentam aos leitores. Para estes, fica o desejo sincero de uma boa leitura...

Lisboa, 27 de setembro de 2018

José Pedro Castanheira | António Caeiro | Natal Vaz

PRÓLOGO

Cerca de um quarto da população era analfabeta. A guerra nas colónias (ou nas «províncias ultramarinas», como mandava o regime) arrastava-se há mais de sete anos, sem solução militar à vista. Quase todas as famílias tinham alguém fora do país, fugido à pobreza, à guerra ou à repressão política. Excetuando aos sábados e domingos, a televisão só emitia quatro horas por dia, entre as 19:30 e as 23:30. As notícias eram previamente examinadas por um organismo chamado Direção dos Serviços de Censura.

Há 50 anos Portugal era assim, e o resto do mundo também era muito diferente do que é hoje. Não havia internet, nem telemóveis. Dois blocos antagónicos dominavam as relações internacionais: de um lado os Estados Unidos da América, do outro a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). A Comunidade Económica Europeia (CEE), antecessora da União Europeia (UE), reunia apenas seis países. A China, a atual «fábrica do mundo», com as maiores reservas cambiais do planeta, não contava*.

Na madrugada de 7 de setembro de 1968, o homem que governava Portugal há 36 anos consecutivos, António de Oliveira Salazar, foi operado de urgência. O subsecretário de Estado da Presidência do Conselho, Paulo Rodrigues, foi pessoalmente entregar a notícia aos estúdios da Emissora Nacional, a rádio

* A República Popular da China, o país mais populoso do mundo, só foi admitida na ONU em outubro de 1971.

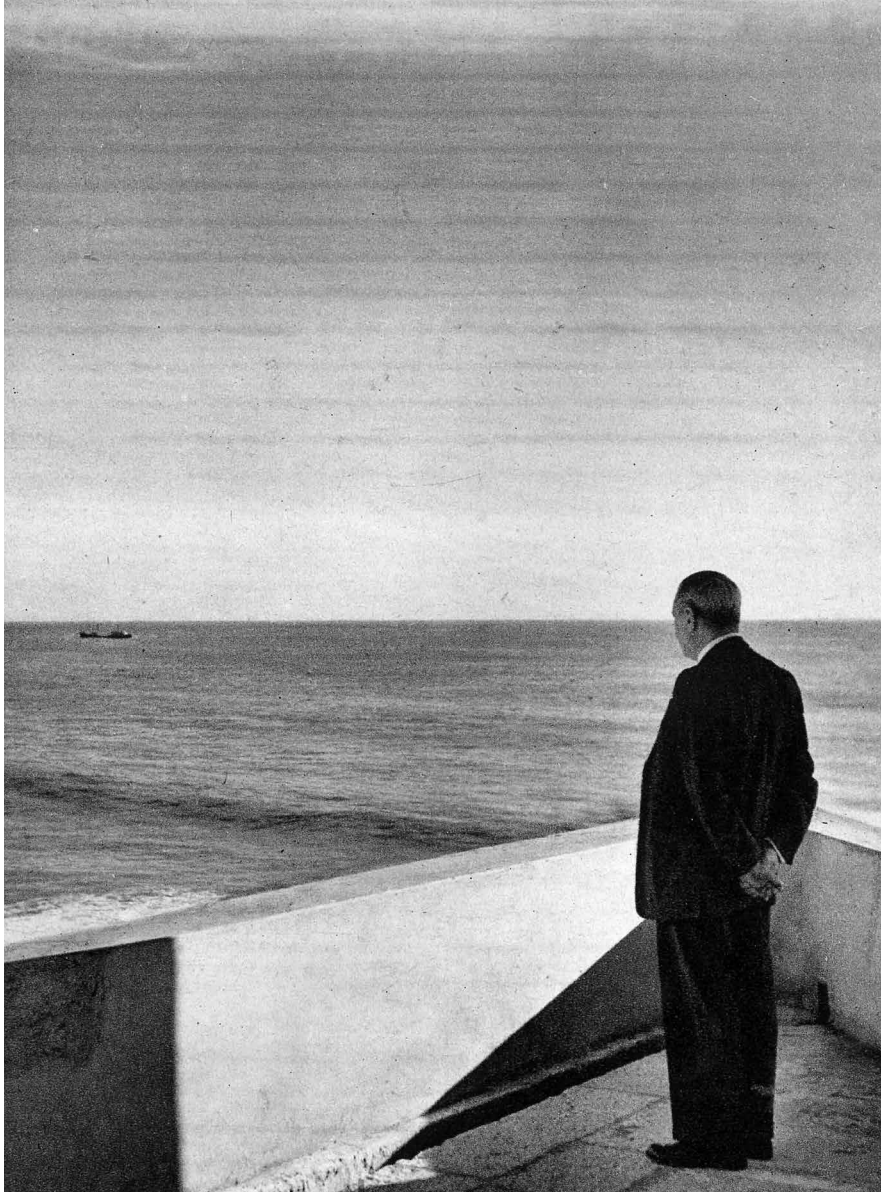
do Estado: «Em consequência de uma queda na sua residência de verão, no Estoril, o sr. Presidente do Conselho apresentou sintomas que levaram o seu médico assistente a recorrer à colaboração de dois colegas neurocirurgiões. Sua Exa. foi operado esta noite de um hematoma, com anestesia local, encontrando-se bem.»¹

Era sábado, nove da manhã. Nos arquivos da Rádio e Televisão de Portugal (RTP) já não há registo daquele noticiário, apresentado por um dos «locutores de primeira classe»² da estação, Pedro Moutinho. Resta o relato de Paulo Rodrigues: «Como grande profissional, o Pedro Moutinho leu o boletim médico aos microfones sem que se adivinhassem, na sua voz serena, as lágrimas que todos tínhamos nos olhos.»³

Paulo Rodrigues era mais do que um leal colaborador de Salazar. O chefe do Governo, para ele, era o «guia nacional» da sua juventude e «o maior português» do seu tempo⁴. Tinha 43 anos quando entrou para o Governo, em 1962, e, entre outras funções, tutelava a Censura e o Secretariado Nacional de Informação (SNI). Quando saiu, confessou: «Eu fui, com toda a honra, uma lapiseira na mão do sr. Presidente do Conselho. Mais nada.»⁵

«Para não provocar alarme no país», Paulo Rodrigues corrigiu o texto assinado pelos médicos, omitindo que se tratava de um hematoma «intracraniano»⁶. O presidente da República, Américo Thomaz, também introduziu uma alteração: substituiu a expressão «esta madrugada» por «esta noite»⁷. Como quase tudo o que dizia respeito à vida privada de Salazar, a sua saúde era segredo de Estado. Mas mesmo censurado, o boletim médico evidenciou uma vulnerabilidade que décadas de propaganda tinham feito esquecer: o «Salvador da Pátria», afinal, era humano e, como os outros seres humanos, podia adoecer e, eventualmente, morrer. De repente, todo o futuro ficou suspenso.

Iria o partido único, a União Nacional (UN), manter-se unido? Conseguiria a segunda mais antiga ditadura da Europa, depois da «ditadura do proletariado» implantada na Rússia, sobreviver ao desaparecimento do seu fundador?



Salazar no Forte do Estoril, onde costumava passar as férias de verão.
(Foto de António Rosa Casaco)

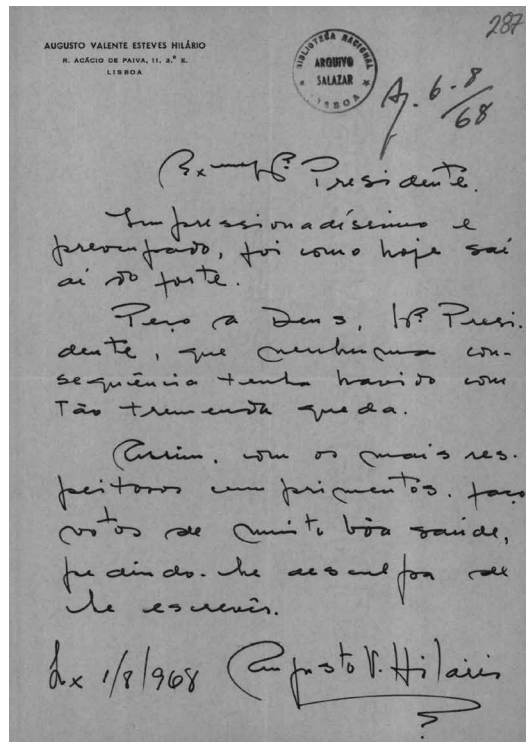
CAPÍTULO 1

ÚLTIMAS SEMANAS NO PODER: A QUEDA DA CADEIRA

A queda que aparece referida pela primeira vez no boletim médico de 7 de setembro ocorreu mais de um mês antes, no Forte de Santo António da Barra, Estoril, onde Salazar costumava passar as férias de verão. É «a célebre queda da cadeira» assinalada aos turistas que visitam hoje aquela histórica fortificação, mandada erguer pelo rei Filipe I (Filipe II de Espanha) para reforçar a defesa marítima de Lisboa. Parece ter sido um acidente banal, mas, como muitos outros aspetos da vida privada de Salazar, tornou-se assunto confidencial. Meio século depois, jornalistas, historiadores e outros estudiosos continuam a divergir acerca de vários pormenores. Segundo a versão mais consensual, só houve uma testemunha: o calista Augusto Valente Esteves Hilário.

No Diário de Salazar – um caderno de capa *bordeaux** que o chefe do Governo escrevia normalmente ao final do dia – a ida de «Hilário» ao Forte foi a 2 de agosto, às «9 e $\frac{3}{4}$ » da manhã. Maria de Jesus Caetano Freire, a governanta de Salazar, ouviu «um barulho» que lhe fez lembrar «uma porta a bater». Quando chegou ao local, Salazar já estava a levantar-se do chão: «Tinha sido a cadeira onde o senhor doutor se ia sentar que se desconjuntou.»¹

* Cadernos de formato A5 (metade do comum A4), dois por ano, com a data e a indicação do semestre gravadas a dourado na capa e na lombada. No topo de cada folha, o nome do mês está impresso a azul; o dia da semana, à esquerda, a verde; e o dia do mês, à direita, a vermelho. Salazar escrevia habitualmente com caneta de tinta permanente azul.



Carta do calista Hilário sobre a «tremenda queda» de Salazar da cadeira. A data, 1 de agosto, não confere com a registada no Diário por Salazar, que é 2. (ANTT: Arquivo Salazar)

Parecia um acidente sem importância. «Salazar estava sentado numa cadeira de lona e o calista tratava-lhe os calos. O presidente lia o jornal, a cadeira desconjuntou-se e o presidente caiu e deu ligeiramente com a cabeça no chão. Levantou-se facilmente, auxiliado pelo calista. Não ficou com dores e continuou a ler.»² A versão do calista era um pouco diferente. Num bilhete escrito à mão em papel timbrado com o seu nome, Hilário falou de uma «tão tremenda queda». Vinte anos mais tarde, em entrevista à jornalista Helena Sanches Osório, o calista disse que Salazar ficou «branco como a cal»³. Também há contradições quanto ao dia da queda. Naquele bilhete, que só seria publicamente conhecido em 2014⁴, o calista escreveu «01/08/68», um dia antes da data anotada por Salazar.

Na entrevista a Hilário, Sanches Osório assume que a queda ocorreu no dia 5. Entretanto, Franco Nogueira, antigo ministro dos Negócios Estrangeiros, avança com uma nova data: 3 de agosto⁵, um sábado. O «3 de agosto de 1968» é também a data assinalada no primeiro piso do Forte, uma construção do final do século XVI, aberta ao público no verão de 2018 e conhecida entre os banhistas da zona como «o Forte de Salazar». Madalena Garcia, a arquivista que há mais de 30 anos trabalha o arquivo de Salazar depositado na Torre do Tombo, garante que, desde 1951, Hilário nunca foi ao Forte num sábado*.

A descrição da queda feita por Franco Nogueira diverge igualmente do relato do médico de Salazar, o cardiologista Eduardo Coelho. «Entre as quatro ou cinco que estão dispostas na plataforma do Forte, Salazar escolhe uma cadeira de assento de lona; e segurando o jornal desdobrado, que percorre com os olhos, abandona-se desamparado e como que se deixa cair na cadeira.»⁶ O presidente da República, Américo Thomaz, de 73 anos, já tinha reparado nesse «hábito» de Salazar. No seu livro de memórias, escritas na terceira pessoa do singular e publicadas em 1983 com o título *Últimas Décadas de Portugal*, nota que Salazar «deixava-se cair sobre a cadeira em vez de o fazer lenta e cautelosamente, como é normal»⁷. Com o peso do seu corpo – conta Nogueira – a cadeira «tomba para trás» e, «com violência, Salazar abate-se de costas no lajedo, e a sua cabeça dá uma pancada seca na pedra crespa».

Salazar tinha 79 anos, completados a 28 de abril. Maria de Jesus quis logo chamar um médico, mas ele opôs-se, preferindo esperar pela visita do seu médico assistente, que o via de 15 em 15 dias⁸. Quando isso aconteceu – a 6 de agosto, segundo Nogueira, ou apenas «36 horas» depois da queda, como escreveu Coelho – este clínico fez-lhe um «exame sumário» e não encontrou

* Segundo Madalena Garcia, os únicos sábados em que o calista Hilário esteve no Forte do Estoril foram a 27/08/1949 e 11/08/1951.

qualquer alteração neurológica. Mas, ciente de que as pancadas na cabeça podem ter «consequências muito graves» e de que os sintomas de um hematoma por vezes demoram semanas a aparecer, avisou Salazar e a sua governanta de que deviam informá-lo «imediatamente» caso notassem quaisquer alterações psíquicas ou motoras. «Fiquei preocupado», anotou Eduardo Coelho⁹, professor catedrático de Medicina e médico de Salazar desde 1946.

De acordo com outra descrição, Salazar terá caído duas vezes, em dois dias seguidos (3 e 4 de agosto), e essas quedas foram testemunhadas respetivamente pelo barbeiro e pelo «enfermeiro-calista»¹⁰.

O Gabinete do Presidente do Conselho tinha dois secretários, ambos licenciados em Direito: Anselmo da Costa Freitas e António da Silva Teles, que alternavam os dias de despacho com Salazar. Como o primeiro estava de férias, competia a Silva Teles ir todas as manhãs ao Forte do Estoril. No dia da queda, Silva Teles «estava no rés-do-chão a acabar de preparar o despacho» ou «chegou poucos minutos depois». Em qualquer dos casos, nesse dia, que não precisa qual, e no dia seguinte, trabalhou com Salazar, «nada notando de diferente». Ao «terceiro dia», quando Silva Teles mencionou a Salazar o bilhete escrito pelo calista, o chefe do Governo contou-lhe o que acontecera: «Ia sentar-me numa cadeira de repouso que para aí está, ela não se encontrava bem encartada e caí desamparado, com a nuca no chão.» Na altura, pareceu-lhe «coisa de pouca monta» e, apesar de «umas dorezitas» que continuava a sentir no corpo, trabalharam «como se nada tivesse acontecido»¹¹. Ao agradecer, no dia 6, «a amabilidade» de Hilário, Salazar escreveu: «Parece não ter havido consequências da queda, além de dores pelo corpo.» A confiança de Salazar ao secretário não saiu dali. «Quantos tiveram conhecimento do acidente mantiveram sigilo absoluto: nenhum rumor circula, nem mesmo os homens de Salazar têm o menor indício ou pressentimento.»¹²

Cinco semanas mais tarde, a governanta situou a queda em 5 de agosto, «uma segunda-feira»¹³. Franco Nogueira desvalorizou esta versão: Maria de Jesus, de 73 anos, «já na altura sofria de perturbações arterioescleróticas»¹⁴.

UM ENSAIO SOBRE A DESCOLONIZAÇÃO

Percorrendo o minucioso Diário de Salazar em agosto, não se notam, de facto, grandes mudanças nas suas rotinas, nomeadamente quanto ao tempo dedicado à leitura. A 2 de agosto, o mesmo dia em que recebeu o calista, Salazar começou a ler um ensaio publicado dois anos antes em França sobre a descolonização, tema que muito o preocupava: *L'Afrique Peut-Elle Partir?*, de Albert Meister. É um livro de 430 páginas, apresentado como um retrato «severo» do processo de desenvolvimento em três novos países da África oriental (Quênia, Uganda e Tanganica). O autor, professor em Paris da prestigiada École Pratique des Hautes Études, com formação em Sociologia, Economia e Psicologia, critica o colonialismo, sem fazer qualquer referência a Portugal, e sustenta que a ascensão à independência «não transformou verdadeiramente as estruturas» das antigas colónias¹⁵.

Salazar tinha chegado ao Forte uma semana antes, na sexta-feira, 26 de julho*. Como de costume, tencionava ali permanecer até meados de setembro, quando a chegada do outono o obrigava a regressar ao palacete de S. Bento. Situado entre o Oceano Atlântico e a Estrada Marginal Lisboa-Cascais, o Forte do Estoril acolhia durante as férias as filhas dos oficiais do Exército que frequentavam o Instituto de Odivelas. Era propriedade

* Ao contrário do que diz praticamente toda a historiografia sobre Salazar – influenciada decerto pelo biógrafo oficioso, Franco Nogueira –, o chefe do Governo não se instalou no Forte do Estoril no dia 27 de julho, mas na véspera, 26. O Diário de Salazar não deixa qualquer dúvida.